



ITÁLIA • ISRAEL • EGITO • GRÉCIA • PORTUGAL • CROÁCIA

**MAIS DE
2.000 PEREGRINOS
JÁ VIAJARAM COM
A GENTE!**

Rua Anita Garibaldi, 60 SI 21
Florianópolis SC
Fone 048 223 5597 Fax 048 223 5011

Rua Marcos Rovaris, 262 SI 02
Criciúma SC
Fone Fax 048 433 4011

**Mark
Tur**

VIAGENS E TURISMO

**CONSULTE PARCELAMENTOS ESPECIAIS
S/ JUROS E FINANCIAMENTOS**

ENCONTROS
Teológicos

O autor aborda a Comunicação do Pai a partir de duas balizas: os diversos níveis da Comunicação Religiosa e a Prática Comunicativa de Jesus. A partir desta base, aponta desafios pastorais consequentes do modelo dialógico de comunicação, da relação EU-TU, do princípio da encarnação e da educação para a beleza que salva.

A Comunicação do Pai

Pe. Domingos Volney Nandi

Mestre em Comunicação e professor do Instituto Teológico de Santa Catarina.

Artigos



O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os olhos, o que contemplamos e nossas mãos apalparam no tocante ao Verbo da Vida – 2 porque a vida se manifestou e nós vimos e testemunhamos, anunciando-vos a vida eterna que estava com o Pai e nos foi manifestada – 3 o que vimos e ouvimos, nós também vos anunciamos. a fim de que também vós vivais em comunhão conosco. Ora, nossa comunhão é com o Pai e seu Filho, Jesus Cristo. (1 Jo 1,1-3)

Deus Pai cria o Homem e a Mulher numa relação dialógica. E ao criar o gênero humano já entra em diálogo com ele. E para comunicar-se, no Antigo Testamento, o Pai utiliza-se de uma cultura, a cultura do povo de Israel. Já no Novo Testamento essa comunicação chega à perfeição, pois o Emissor, o Receptor, o Canal, a Mensagem e o Sinal é seu próprio Filho. Assim, todo o Novo Testamento é uma comunicação perfeita de Deus com o Homem.

Contudo, abordar a comunicação do Pai é uma tarefa difícil e desafiante. A dificuldade maior está no fato de que *ninguém jamais viu o Pai* (Jo 1,18). Moisés tentou, mas conseguiu ver, do Pai, apenas as costas (Ex. 33,23). As várias tentativas do Homem de conhecer Deus são destinadas ao falimento: *“Deus pode ser aquilo que não podemos entender”* (S. Hilário).

Por sorte temos Jesus: Ele, o Filho Unigênito, que está no seio do Pai, no-lo revela, nos fala dEle, nos faz entrar em seu mistério de amor. *“O Filho único de Deus, que está junto ao Pai, foi quem no-lo deu a conhecer”* (Jo 1,18). Pelo Filho conhecemos o Pai.

Abordaremos, inicialmente, algumas considerações sobre a comunicação religiosa, que servirão de provocação pastoral, no sentido de questionar nossa surdez e cegueira diante da Comunicação do Pai, que não se cansa de esperar que caemos para que também Ele possa falar.

1. A Comunicação Religiosa

O que é a comunicação religiosa? Qual a diferença entre uma comunicação religiosa, uma comunicação profana ou anti-religiosa e uma comunicação a-religiosa? Qual é a essência ou o coração da comunicação religiosa que é possível perceber nas grandes religiões, presentes nas mais diversas culturas?

Abordaremos, a seguir, de modo sucinto, alguns elementos referentes



a esse tema, na tentativa de uma resposta a estas questões. Ao mesmo tempo, levantamos a pergunta: quais dos níveis de comunicação religiosa, que abordaremos abaixo, se apresentam desafiantes, hoje, para a Pastoral?

1.1. Os quatro níveis da Comunicação Religiosa¹

O conhecimento dos vários níveis da comunicação religiosa pode nos ajudar a avaliar nossa ação pastoral. É possível que estejamos aumentando os vazios no coração de nossa gente, que depois serão “preenchidos” com um imaginário insignificante.

1.1.1. Comunicação religiosa PRIMÁRIA

O máximo da comunicação é conhecer o Pai. Trata-se da verdadeira comunicação religiosa, também chamada de comunicação religiosa PRIMÁRIA, aquela que acontece *entre Deus e a Pessoa*.

Em todas as religiões e especialmente na tradição Judaico-Cristã, a comunicação religiosa é a comunicação entre o Transcendente, “Mistério Último”, Deus, e a Pessoa Humana (ou a Comunidade Humana).

Ao mesmo tempo, quase todas as tradições religiosas afirmam que ninguém durante o período da vida humana “vê” e se “comunica” com Deus “face-a-face”. Mas devemos acrescentar que nem mesmo entre as pessoas existe uma união “direta” de suas “mentes”. Toda comunicação humana é “indireta”, acontece através de sinais e símbolos.

A comunicação com Deus consiste em identificar seus “traços”, seus sinais, através de símbolos, pessoas, acontecimentos... Graças à Fé, à experiência, e à sabedoria humana, somos capazes de identificar a “presença” e a ação intencional de Deus. Isto é, Deus “toma a iniciativa” porque deseja comunicar-me alguma coisa. Existe um “intervento” da parte de Deus na consciência, na história, na natureza. Mas, também as pessoas “procuram” Deus. Existe uma “fome” de Deus, existe um desejo profundo plantado na natureza humana e em toda a criação de conhecer Deus e de estar em união com Ele.

Nota-se que existe um “paradoxo” fundamental em toda a comunicação religiosa: Deus está “além” de todos os conceitos e símbolos. Em outras palavras, não existe nenhum símbolo cultural que possa exprimir a “natureza” ou o pensamento de Deus, porque o símbolo exprime somente um “fragmento” ou “reflexo” desta realidade. Deus está “acima” ou “além” da “cultura”, isto é, está além do conjunto dos significados e dos símbolos humanos. Ao mesmo tempo, podemos conhecer Deus somente através dos símbolos e



dos significados culturais...que são a nossa linguagem.

Portanto, a comunicação religiosa PRIMÁRIA é o reconhecimento dos “símbolos” (experiência na própria consciência, acontecimentos históricos, experiências de outras pessoas) nos quais a tradição religiosa diz que o Transcendente, Deus, é presente e atuante. Moisés diante da sarça ardente representa o protótipo da comunicação religiosa. Moisés sabe que o Pai está presente e se comunica com Ele. É isso mesmo. A comunicação religiosa PRIMÁRIA é o “discernimento” do significado simbólico de um evento ou de uma ação interpretável como presença e ação de Deus.

1.1.2. Comunicação religiosa SECUNDÁRIA

Mostrar às pessoas que Deus se comunica, está presente e age através dos SÍMBOLOS, é Comunicação religiosa SECUNDÁRIA. A capacidade de revelar a outras pessoas que a experiência simbólica é verdadeiramente presença de Deus...”Deus através deste símbolo (evento, imagem consciente, etc) está se comunicando contigo”...exige grande sabedoria, na verdade, um saber reconhecer, graças à acumulação das próprias experiências, a ação comunicativa de Deus.

Exige, igualmente, uma experiência pessoal da comunicação primária com o Transcendente, e a capacidade de discernir a ação comunicativa de Deus na própria vida. Esta comunicação aproveita da longa tradição da interpretação do significado dos símbolos nos quais o Transcendente se manifesta. Esta comunicação se configura como um tipo de “direção espiritual”.

1.1.3. comunicação religiosa TERCIÁRIA

Passar informações (ensinamentos, doutrina) sobre o mundo sacro-religioso ou sobre uma tradição religiosa específica é a comunicação religiosa TERCIÁRIA. A instrução religiosa oferece informações que ajudam as pessoas, às vezes sem nenhuma ou pouca consciência da ação comunicativa do Transcendente, a ter “um vocabulário” que ajude a “dar nome” e “conceitualizar” a experiência dos “sinais” de Deus. É importante, sobretudo, uma instrução sobre os símbolos mais significativos em que é possível perceber a ação comunicativa de Deus.

1.1.4. QUARTO nível da comunicação religiosa

A explicação teológica, a explicitação sistemática como dimensão da “ciência racional” da nossa cultura, é o QUARTO nível da comunicação religiosa. A definição clássica da teologia é “*Fides quaerens intellectum*”,



fé que busca uma compreensão. A “compreensão”, neste caso, procura tornar consistente ou iluminar a experiência da ação comunicativa de Deus, contando com informações ou explicações oferecidas por outras ciências.

Concluindo este item, podemos dizer que somos especialistas nos terceiro e quarto níveis da comunicação religiosa. Nosso desafio maior está, seguramente, na comunicação PRIMÁRIA e SECUNDÁRIA.

Quanto à comunicação primária toca-nos valorizar e criar um ambiente favorável para a comunicação do Mistério, particularmente no espaço litúrgico celebrativo e na vida pessoal de oração.

No tocante à comunicação SECUNDÁRIA, o desafio é o de educar para a linguagem simbólica, para os sinais de Deus. Talvez, a comunicação religiosa mais importante da parte de nossa comunicação pastoral e nos mass media é justamente esta. A tarefa de um padre, por exemplo, seria a de indicar à Comunidade Cristã, isto é, a cada membro da Comunidade em seu conjunto, os momentos em que Deus Pai procura comunicar-se com eles através do Espírito de seu Filho Jesus. O padre deveria conhecer bem as pessoas da Comunidade e ajudá-las a saber discernir, nos sinais e nos símbolos, o intervento, a presença de Deus...as “marcas do Espírito de Deus”.

1.2. A Experiência Religiosa como uma Experiência da Comunicação do Pai

A experiência de comunicação do Pai permanece sempre um paradoxo: ou seja, como será possível uma experiência através de conceitos / símbolos culturais de Deus se Ele está fora e além de todos os conceitos culturais. A experiência permanece sempre misteriosa, imprevisível, uma comunicação (revelação) da parte de Deus. Igualmente da parte da pessoa, a experiência permanece misteriosa. O único fator constante parece ser “a ação da Fé”, a ação de deixar a segurança do mundo cultural, que se conhece bem, e aceitar um chamado de Fé.

Apesar da dimensão misteriosa, é importante sublinhar que Deus se comunica, se revela “em” e “através” de símbolos culturais. A pergunta central é, especialmente para nós que vivemos mergulhados no apostolado, “quais símbolos são adaptáveis para o encontro entre a comunicação do Pai e a nossa Fé? Como podem ser úteis os meios de comunicação e a arte para fornecer estes tipos de símbolos na vida dos irmãos? Este é assunto para um outro estudo. Contudo, é importante sublinhar que nos defrontamos com o fenômeno da inculturação no frenético contexto do mundo urbano, de novas expressões artísticas e de novas tecnologias de comunicação, geradoras de



todo um arsenal simbólico que precisa ser levado em consideração.

1.3. O Culto - Lugar Privilegiado da Comunicação do Pai

“O Pai exige o culto não porque seja necessitado de louvores, mas porque o culto é a base natural e inevitável de todo tipo de relação pessoal entre criatura e Criador, entre finito e infinito. Não adorar a Deus equívale a não conhecer o Pai”.²

Vimos que a comunicação primária mais formal é representada pelos momentos de oração, de discernimento, mas sobretudo pelo momento da celebração de um Rito. Na ação ritual, existe uma convocação da comunidade para um momento solene, no qual a pessoa escolhida para representar a comunidade entra no âmbito santo, “tremendo” e “perigoso”, da comunhão com Deus. Deus “desce” junto à comunidade em forma simbólica e acontece uma ação de aliança e de renovação do amor recíproco, freqüentemente expresso na forma simbólica da troca de dons. A Missa com seu ofertório, com o momento solene da consagração e da comunhão, é protótipo desta comunicação primária ritual.

A comunicação que acontece no contexto da Liturgia tem seus privilégios especiais e está sujeita a exigências também especiais. Seu grande privilégio é que se trata de um ato da comunidade que pressupõe a interação entre Imanente e Transcendente. A assembléia litúrgica se constitui como que em tijolo e cimento para construir o edifício comunicativo, é interação entre pessoas e arte, palavras e música, uma qualquer coisa onde se encontram o tempo e a eternidade. A música, em particular, é capaz de comunicar a grandeza do Pai e ao mesmo tempo é capaz de criar o silêncio interior para a comunicação do Mistério. Sim. Deus fala no silêncio. Contudo, a civilização ocidental tem medo do silêncio.³

2. O que Jesus nos revela sobre a Comunicação do Pai

No centro do discurso teológico está a Revelação como Comunicação de Deus ao Homem. Deus comunica a si mesmo no seu Filho. O máximo da comunicação é conhecer o Pai. “*Mostra-nos o Pai, Jesus, e isso nos basta*” (Jo 14,8). Assim, conhecemos a comunicação do Pai através da Comunicação de Jesus: “*Quem me vê, vê o Pai*” (Jo 14,9).

A comunicação de Jesus nos revela que a comunicação do Pai é dialógica. Não é de tipo autoritária, que mete medo, que humilha, que inferioriza...Ele é o Deus conosco, *nele vivemos, nos movemos e existimos...* (Cf. At 17,27-28)



2.1. O Pai - Uma pessoa do Coração Grande

“*Que o vosso coração não se perturbe*” (cf Jo 14,1), o Pai é uma Pessoa de coração grande. Quando damos um passo em direção ao Pai, Ele vem correndo ao nosso encontro (Lc 15,20). E Jesus nos diz que, quando se fala do Pai, a primeira atitude que devemos perder é a perturbação, o medo. Na Bíblia, a frase “*Não tenham medo*”, dita pelo Pai ao Homem, ocorre 366 vezes exatas: uma por dia (compreendido os eventuais anos bissextos).

Do Pai não devemos ter medo. Às vezes Ele é descrito de um jeito que mete medo (basta ver a iconografia corrente: semblante sério, barba longa, triângulo na cabeça, dedo em riste, idade média de 90 anos...). Mas esta é uma imagem falsa dEle.

O Pai de Jesus envolve seus filhos com laços de amor, toma nos braços, ensina a caminhar, acaricia com seu rosto, se inclina para dar de comer, vê a opressão, ouve o clamor, denuncia a fonte da opressão, desce para libertar... (cf. Os.11,1-5; Ex.3,7-9). O Filho Jesus O chama simples e carinhosamente de ABBA, papai.

2.2. Coerência entre a Palavra e a Vida

Tal Pai, tal Filho: o nosso Deus é um Deus que diz e faz. Essa coerência é ato de louvor ao Pai. A comunicação de Jesus é um ato de doação de si mesmo. Falou a todos, mas sobretudo aos pobres, aos doentes, aos marginalizados da sociedade, aos impotentes e aos oprimidos. Ele se aniquilou para fazer-se servidor, tornando-se solidário com os homens, apresentando-se como simples homem, humilhando-se, feito obediente até a morte, até a morte da cruz. (cf. Fl 2,7-8).

2.3. A Inversão dos Valores

O Evangelho inverte a ordem dos valores: o último na frente do primeiro, o ignorante antes do sábio, o fraco antes do potente, o pobre antes do rico. Assim, para produzir seus efeitos, a graça da comunicação do Pai não escolhe os soberbos, mas sim os humildes, não os poderosos, mas os fracos; não os saciados, mas os famintos.

3. Consequências Pastorais

Nos limites deste espaço não nos cabe abordar toda a riqueza que é conseqüente de uma comunicação dialógica, testemunhada por Jesus como sinal da Comunicação do Pai. Sublinharemos apenas alguns elementos.



3.1 O Modelo Dialógico da Comunicação do Pai

No *feedback* do processo comunicativo, o receptor vira emissor e vice-versa. Quanto maior for essa interação, tanto maior será a riqueza comunicativa. A qualidade da interação é medida pela capacidade de se colocar no lugar do outro. Isso significa construir uma dinâmica empática ou seja, ver com os olhos do interlocutor, sentir com seu coração... Dessa forma, parafraseando Michel Quoist, se soubéssemos olhar a vida com os olhos do Pai, toda a vida se tornaria sinal, inumeráveis atos de amor do Pai criador à procura do amor de sua criatura. O Pai nos tem colocado no mundo não para caminharmos com os olhos baixos, mas para seguir suas pegadas através das coisas. Dos acontecimentos e das pessoas. Tudo nos deve revelar Deus... Se soubéssemos escutar o Pai, se soubéssemos olhar a vida com os olhos do Pai, toda a vida se tornaria oração.⁴

3.2. O Princípio da Encarnação

A síntese da comunicação dialógica do Pai está indicada no Evangelho de João: “*O Verbo se fez Carne e habitou entre nós*” (Jo 1,14).

Não existe uma comunicação cristã em estado puro. Há necessidade sempre de encarnar-se na tinta e nas imagens do dia-a-dia; nunca em modo definitivo, sempre em modo provisório, com a certeza de que o Cristo que nos esforçamos para proclamar nos precede.⁵ A comunicação cristã é chamada a testemunhar o poder de transformação de Deus em todas as áreas da vida humana. A propósito, São Paulo define a si mesmo e todos os servidores da Palavra como “servidores da sua glória” (Ef 1,12) e portanto “servidores da vossa alegria” (2Cor 1,24). A glória de Deus e a alegria de seu povo deveriam ser a marca de toda comunicação cristã.

Importante, aqui, recordar a inversão dos valores provocada pela Encarnação do Verbo em vista da solidariedade humana, da comunhão dos homens com o Pai e dos homens entre si. A prática de Jesus nos ensina que nossa comunicação não será imagem e semelhança da comunicação do Pai se, ao invés de estabelecer a união e a solidariedade, ela tender a reforçar as divisões, a alargar as distâncias entre ricos e pobres, a consolidar a opressão, a distorcer a realidade para manter os atuais sistemas de domínio, e sujeitar a multidão silenciosa à manipulação dos grandes meios de comunicação. No entanto, a comunicação permanece o grande dom de Deus à humanidade, sem a qual não podemos ser autenticamente humanos e refletir “a imagem de Deus”, nem podemos desfrutar da vida juntos em grupo, em comunidade, e na sociedade radicada em culturas e modos de vida diversos.⁶



3.3. O modelo de Comunicação Eu-Tu

Um desafio pastoral é comunicar de modo que a pessoa seja sujeito e não objeto, de modo tal que se estabeleça um diálogo entre um “eu” e um “tu”, e não entre um “eu” e um “objeto”. As pessoas querem ser tratadas como indivíduos, não como massa ou como objetos. Deus nos trata como indivíduos. A mesma crítica que fazemos à publicidade e à programação televisiva, que trata o público como meros consumidores, segundo a imagem sintética e suburbana criada pela pesquisa de mercado, vale para nossa relação com o povo, sobretudo no que diz respeito às pérolas da Igreja: os sacramentos. Aqui valeria, igualmente, toda uma reflexão positiva sobre o Ministério da Acolhida ou da Visitação.

O amor, no pensamento de Martin Buber, se encontra somente entre um Eu e um Tu vividos como sujeitos que se fazem mutuamente como em uma plena reciprocidade dialógica. É esse tipo de encontro que leva a pessoa a afrontar a relação perfeita com Deus.⁷ Numa palavra, o Amor a Deus passa pelo amor aos irmãos (1Jo 4,20).

A resposta que o Pai espera do homem é o amor do homem pelo seu próximo. Nesse modo de amar encontra-se a via que conduz o homem para a eternidade. O amor do homem pelo seu próximo é a tarefa redentora do homem, é a eficácia da redenção.

O Pai espera que minha atitude seja um pôr-me diante do *outro*; de um *outro* interpelante, pertinente e exigente. O outro, enquanto pessoa, é terra santa, é sacralidade, tanto que para aproximar-se dele é necessário tirar as sandálias, despojar-se de si mesmo, escutá-lo, olhá-lo, senti-lo próximo. A significação de Deus se encontra na relação com o próximo.

“Eu diria, com efeito - na medida em que afirmo que a relação com o outro é o começo do inteligível - que não posso descrever a relação com Deus sem falar daquilo que me empenha com respeito ao outro. Cito sempre, quando falo a um cristão, Mateus 25: a relação com Deus é aí apresentada como relação com o outro homem. Não é metáfora: no outro, há presença real de Deus. Na minha relação com o outro, escuto a Palavra de Deus. Não é metáfora, não é só extremamente importante, é verdadeiro ao pé da letra. Não digo que o outro é Deus, mas que, em seu rosto, entendo a Palavra de Deus.”⁸

3.3.1. Educação para a Beleza que Salva

O papa, na carta aos artistas, afirma que “a beleza é chave do mistério e apelo ao Transcendente”. Diz também que “a Igreja precisa dos artistas da



palavra escrita e oral, do teatro e da música, das artes plásticas e das mais modernas tecnologias de comunicação”.⁹ E João Paulo II acaba por fazer suas as palavras de DOSTOEVSKIJ: “a beleza salvará o mundo”.¹⁰

Diante disso, no atual contexto do mundo urbano, não podemos ficar insensíveis, por exemplo, diante do espírito de profunda estima pela beleza. Como também não podemos ficar insensíveis diante da pobreza simbólica desta geração. O sinal dessa pobreza é visível. Quando uma geração é pobre de símbolos significantes, acaba se entupindo com símbolos insignificantes. Então, os extraterrestres e os andróides tomam o lugar do Transcendente.

Em nossas igrejas corremos o mesmo risco. Nossas liturgias, por exemplo, quando embaladas na preguiça das coisas prontas se tornam incapazes de interpretar o Rito e de estabelecer a Comunicação do Mistério. O folheto assume o lugar da Bíblia ou Lecionário, a “velinha” elétrica movida a moedas vai tomando o lugar da vela que se consome, gestos simbólicos não são visíveis, o silêncio litúrgico virou jóia rara, a acústica não é pensada no projeto arquitetônico, os recursos de sonorização e iluminação oferecidos pelas novas tecnologias não são devidamente considerados, entramos em cena sem ensaiar o rito...e pela falta da arte de celebrar dificultamos a comunicação do Pai, do Transcendente, do Mistério. Julgamos, não poucas vezes, que isso são coisas supérfluas, enquanto fogem de nossos templos, para outras fontes, os sedentos homens e mulheres sacrificados sobre o altar da produção.

“O mundo em que vivemos tem necessidade de beleza para não cair no desespero. A beleza, como a verdade, é a que traz alegria ao coração dos homens, é este fruto precioso que resiste ao passar do tempo, que une as gerações e as faz comungar na admiração”.¹¹

Os pobres de Deus merecem celebrações belas e ricas de significados; merecem igualmente espaço para o cultivo da arte sacra no seio da Igreja, para que sua obras sejam capazes de estabelecer a comunicação com o Pai e orientar para Ele nossa mente.

Conclusão

Quando na prática comunicativa formos imagem e semelhança de Deus, sucederão coisas maravilhosas. As pessoas descobrirão o poder de sua linguagem, de sua arte e de seus símbolos. Se na vida deixarmos espaço ao Mistério e à Beleza que salva, encontraremos novas razões para viver.

As descobertas feitas através de uma comunicação autêntica não serão sonhos atirados ao ar, mas idéias que se farão carne da nossa carne e



nos converterão: não rezaremos mais do mesmo jeito: investiremos nosso dinheiro de modo diferente; não serão mais as mesmas coisas a nos fazer rir ou a nos deixar acordados durante a noite.

Quando a nossa comunicação for imagem e semelhança à comunicação do Pai, em nossas igrejas se respirará um outro clima, porque muito maior será a realidade que estará no coração.

Notas

¹ A presente classificação é de Pe. Roberto WHITE. Servi-me de anotações do curso sobre Desenho de Programas religiosos, Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma 1997.

² BROOKS Peter, *La comunicazione della fede: nell'età dei media elettronici*, Elle Di Ci, Torino 1987, p.120

³ Cf. SCHAFER Murray, *Il paesaggio sonoro*, Edizioni Unicopli e Ricordi, Milano 1985.

⁴ Cf. QUOIST Michel, *Prayers of Life*, Gill and Son 1963.

⁵ WORLD COUNCIL OF CHURCHES, *Credible Christian Communication*, Tradução italiana de F. Lever e A. Corbanese, Torino, Elle Di Ci, 1989.

⁶ Cf. WACC, *Os princípios cristãos da comunicação* in FRANZ, Josef Eilers, *Comunicare nella Comunità*, ELLE DI CI, Torino, 1997, p332.

⁷ BUBER Martin, *L'io e il Tu*, Edizioni IRSeF, Pavia 1991.

⁸ LEVINAS Emmanuel, *Entre Nós. Ensaio sobre a Alteridade*. Trad. Pergentino Stefano Pivatto. Vozes, Petrópolis 1997, pp. 150-151.

⁹ JOÃO PAULO II, *Carta aos artistas* [Web Page], acessada em 1999 Jul 7, disponível in <http://www.vatican.va/>.

¹⁰ F. DOSTOEVSKIJ, *O Idiota*, parte III, cap. V (Milão 1998), p. 645 in JOÃO PAULO II, op. cit.

¹¹ *Mensagem do Concílio VAT II aos artistas* (8 de Dezembro de 1965): AAS 58 (1966), 13 in JOÃO PAULO II, op. cit.

Endereço do Autor:

ITESC

Cx. Postal 5041

88040-970 orianópolis SC